

PREGÃO DE S. NICOLAU

Recitado em 5 de Dezembro de 1964 pelo Estudante do 7.º Ano do Liceu de Guimarães

Luis Manuel de Oliveira Miranda Pereira

Este pregão nasceu ao rufar duma caixa
E sobre a pele de um bombo o escrevi então;
É pois bem nicolino o pregão que aqui se acha
Muito embora não seja o mais lindo PREGÃO.

Tinha a pena que usei a forma de baqueta
E a de uma maça o meu próprio tinteiro
E tudo isto num sonho, num sonho de poeta
Que adora desde a infância a FESTA DO PINHEIRO.

Dedico-o ao DELFIM, poeta nicolino
Que tantos Bandos fez cheios de encanto e graça
E que morte levou num dia mau mofino,
Deixando em nós então lembrança que não passa.

Minhas palavras sejam quais gotas de orvalho
Sobre os louros que cobrem a sua memória,
Pétalas de saudade que desfolho e espalho
Por cima do seu nome coberto de glória!

Ressoa pelo ar um eco de alegria —
« Nicolau vem aí, é amanhã seu dia »!
E a mesma voz vai de quebrada em quebrada
Anunciando ao mundo em toque de alvorada
Num hossana de luz as FESTAS NICOLINAS
Que a tradição mantêm e a graça fez tão finas.

Voltou em pleno Outono à Terra a Primavera,
Essa quadra ideal em que a alegria impera!
E foi São Nicolau que tal milagre fez...
De um chão de folhas mortas sob os nossos pés
Fazer que nasçam flores de subtil perfume,
Num tempo de silêncio, tédio e de queixume
Pôr música a tocar, a estoirar foguetes,
Zés Pereiras em marcha quais marionetes
E todo um povo a rir alheio à sua dor
Por certo um santo assim, merece sem favor
Ser posto num altar de pedras marchetado,
Merece ser ainda hipercanonizado!...

Justiça faço aqui à mocidade de hoje:
Gosta de divertir-se e ao dever não foge;
Estuda quando estuda... embora às vezes pouco
E folga quando folga... aos livros não dá troco,
Que a distração não sendo em si um grande mal...
É preventivo de outro — o cansaço cerebral;
E se ao fim vem acaso um chumbo de mil gramas
A culpa não é dela, mas sim dos programas
Extensos, fastidiosos, a pedir reforma
Ou outros mais conformes progressiva norma.

Ó mestres! Perdoai a nossa irreverência!
Vós que sois nesta terra os astros da ciência
Respondei à chamada, associar-vos, vá!
As Festas são de todos, melhores não há,
Elas são um exame a que vós sois chamados
E vergonha será ficardes reprovados
Ride connosco pois o riso é bem humano
E já Socrates riu e riu Tertuliano.

Ó terra de Sarmento e de Alberto Sampaio
Que vejo eu em ti se a vista em ti espraio?!
O ódio e a inveja quais silvas do mal
Ferir teu corpo esbelto e fino de vestal
Dantes os filhos teus eram-te dedicados
Hoje vivem de ti já desinteressados
Guerteiam-se entre si em luta fratricida
Numa afronta ao passado inulta e prevertida
O orgulho maior era morrer por ti
Mas hoje cada um só quer morrer por si:
Havia antigamente apenas um partido
Em ti todos votavam num único sentido,
Era a tua grandeza a luz que os guiava
E tu eras rainha e hoje és uma escrava
De vãos ressentimentos, ruins personalismos
Que se erguem em montanhas e abrem em abismos.

Mas, Guimarães, desculpa a lágrima furtiva
Que agora fiz rolar por tua face altiva
E mudemos de tom, que tanto é já preciso,
A fim que se transforme a lágrima em sorriso
Que coisas há em ti que certa graça têm: —
Em dias de calor não te lava ninguém
Mas se uma chuva cai (Oh! santa brincadeira!)

Logo salta p'ra rua a molhar-te a mangueira
E também ainda estás, olé de parabéns!
Duas novas retretes finalmente tens
Que funcionam, vê, da forma que distingo
Uma para a semana... outra para o Domingo
Um novo restaurante abriu-se no Proposto
Um mimo de limpeza, de arte e de bom gosto
Já tens p'ra quem assim vier mais uma mesa
Mas onde vai dormir? Na rua concerteza...
Que teu Hotel Turismo é somente uma ideia
E teu melhor hotel ainda é a cadeia.
Do moderno liceu quem foi o empreiteiro?
Talvez um aldrabão, talvez um trapaceiro
Com fendas nas paredes já parece velho,
Se Santa Clara o visse ria do fedelho;
Que as construções de agora, aqui to asseguro,
São feitas p'ra o presente e não para o futuro
— Vê tua Escola Técnica — obra de um tacanho,
Devia ser Primária à falta de tamanho.
Vê dos correios ainda esse tão velho prédio:
Continua a servir não há outro remédio...
Talvez andes com sorte, sobre isso não temas
Pois vai subir o preço dos telefonemas...

Quem quiser ver teatro escusa ir ao Jordão
Tem-no cá fóra em ti sem gastar um tostão:
— Uma estátua que se ergue muito lentamente
« Quem tem farelos? » (Vejam!) farsa a Gil Vicente
Surge depois na Câmara a crise financeira
E temos a « TRAGÉDIA CASTRO »... de Ferreira
(Como se o progresso não custasse dinheiro...
O sensato equilíbrio irmão do rotineiro)
E comédia em ti também não tem faltado
Não deliramos com a « Vizinha do Lado »?
Por seu grupo subir à Divisão Primeira?
Cada cena que até parecia verdadeira...
O roubo em ti campeia e rouba-se decerto
Por ser pouca a polícia e o ladrão esperto
Primeiro a Oliveira, depois o Internato
Que o roubo não vai sendo ofício muito ingrato
Não há quem o reprima, quem frente lhe faça
Protege-se o ladrão que por honesto passa...

Um abraço agora à nobre Comissão
Das FESTAS GUALTERIANAS p'la bela lição
Que deu de fit e amor por ti Ó Guimarães
Rapazes do Convívio, bravo! Parabéns
Quando tudo era inércia e ensimesmamento
O morcego do medo esvoaçava ao vento
Surgistes vós fazendo o que ninguém faria;
A Festa preparastes quase só num dia;
Que o vosso feito fique a todos de memória
Como esforço ingente e obra meritória!

Momento desportivo: honremos o Vitória!
Como um astro que passa e vai na trajectória
Também ele subiu aos píncaros da fama
E se Vitória é, por algo assim se chama;
Deixou de ser equipa de trazer por casa
E foi a Nova Iorque no sonho de uma asa;
Ali mostrou então seu jeito de jogar
E se nunca ganhou... foi porque teve azar
Aprendeu sem peneiras a proferir « please »
Viu Brooklyn, São Francisco e fez « streeptease »
E mais civilizado regressa a penates
Sem nenhuma vitória mas com três empates.
Depois foi a Bruxelas e venceu aí
Sorrindo satisfeito então disse: merci!
Mas nem tudo é um belo sonho cor de rosa
Pois faz-lhe a vida negra o campo d'Amorosa
E aquele velho estádio... estádio dos enganos
Ainda não está pronto e já tem cinco anos
Arrastam-se-lhe as obras, é um desconsolo,
Não há quem as remate e faça gritar: GOLO!...

Mudam-se os tempos e com eles as dietas!
Amigos atendei, deixemo-nos de tretas:
Como pode dizer-se que a coisa está feia
Se uma sopa Knorr deixa a barriga cheia
E se a televisão anuncia em voz meiga
A « Planta » que se come em lugar da manteiga?!
Se o leite natural às vezes tem faltado
Mas temos com fartura leite condensado?!
Se a carne de vaca custa bom dinheiro
Temos mais barato bifés de carneiro?!
Como é que um cidadão pode sentir tristeza
Se ganha uma miséria com toda a certeza
Tem sempre três mil reis (ideia que consola)
P'ra ao sábado jogar, no Totobola
Pensando vir a ser uma pessoa rica
Quando coitado afinal... ainda mais pobre fica...!

Que não vá o caixeiro além do seu balcão!
Aqui fica o aviso alto e em bom som
As Festas Nicolinas são só de estudantes
Hoje isto é assim e assim já era antes
Portanto juizinho e há que ter respeito
Porque senão as coisas correm de outro jeito:
Mocas pelo ar e socos em abundância
Porão depressa fim a qualquer petulância!

E vós, ó falsos Ringos, dandies da cidade
De cabelinho à Beatle e sem virilidade
Que na rua fazeis passagens de modelos!
Sêde homens, por favor, cortai-me esses cabelos!
Deixai crescer as barbas' assim tal como eu,
Mostrai que sois decentes e se não perdeu
Em vós ainda de todo o senso que convém;
Rasgai os figurinos que de Londres vêm
Perdei-me sem demora esse ar sofisticado
Próprio só de quem anda p'ra aí sempre enjoado:
Depois vinde connosco à tasca do Miranda
Beber dum trago um copo como a praxe manda,
Vinde connosco, sim, se isso vos dá prazer
Que connosco tereis bastante que aprender.

Ó moças dos teares, garotas faiscentes
Que à tardinha passais quais garças, elegantes
De regresso a casa rindo alegremente
Ouví o que vos diz o coração que sente
O sortilégio bom da vossa formosura
Anda devido a vós na noite mais escura
Vós sois belas de vós, não precisais de adornos
Basta-vos a graça que tendes nos contornos
A curva e contra-curva dessas vossas linhas
Que importa que sejais humildes, pobrezinhas?
Acaso a formosura pode escolher berço?
Ó moças escutai este pirope em verso:
— A vida é uma meada (vós a andais tecendo)
Que a gente enreda, enreda mesmo não sabendo
Onde sequer está o extremo do fio:
Ó moças ajudai-nos, vá, e descobri-o...
Está nos vossos olhos, no vosso sorriso?
Ai moças! onde está, saber não é preciso;
O que é preciso é puxar, puxar cada vez mais
Até que ele se parta em bocadinhos tais
Que seja cada um, um beijo ou um abraço
E após tanto puxar... tombemos de cansaço.

E vós costureirinhas, vós lindas bonecas!
Como é que Deus vos fez assim tão malandrecas
Que connosco andais jogando o esconde esconde?
Onde é que vós estais dizei-nos: onde? Onde?
Aparecei que queremos ver-vos nesta Festa
À qual vossa presença tanto brilho empresta
Ai costureirinhas lindas, que giras vós sois!
Primeiro é um olhar, um sorriso depois
E desta forma assim é que o jogo começa
Até que a gente perde oh! sim, perde a cabeça.

Senhoras! Para vós somente uma palavra
Que a emoção mal deixa que os lábios entreabra
E para quê falar se o nosso olhar diz tudo
Se o verdadeiro amor é sempre grave e mudo?
Senhoras! há na Terra o sonho de ir à Lua
O homem quer fazê-la à viva força sua
Um astronauta mais que parte para o espaço
E volta de lá sem poder deitar-lhe o braço
Mas um dia, um dia um astronauta há-de ir
E há-de então ficar na Lua a residir.
Senhoras! Também nós andamos neste anseio
De vos amar de perto ó Luas do enleio;
Mais uma tentativa está para amanhã
Mandando às vossas mãos em lança uma maça,
Recebei do amor a pequenina nave
E que ela vos atinja da forma mais suave!

Termina este Pregão, até ao ano... adeus!
De todos me depeço como o Sol nos céus
Se despede da terra quando morre o dia
Adeus, adeus amigos! Saúde e alegria!

Rapazes! Ao silêncio um requiem colossal
Que seja um hino à vida imenso e triunfal,
Batei-me nesses bombos ó Gigantes de Orfeu
Com animo invulgar, fazei tal escarcéu
Que o mundo fique surdo ouvindo tais artistas
E tremam de pavor lá longe os terroristas!!

Dezembro de 1964